

*José Guerra Carrasco*  
*Moisés Pérez Espino*  
*Tradução: José Ademar Kaefer*

## *Apresentação*

O presente número da RIBLA é um estudo dedicado ao Quarto Evangelho ou evangelho de João. Seguindo o estilo e a tradição próprios da revista, os editores organizamos o número a partir dos grandes temas que esta obra abrange, porém, a partir de leituras inovadoras sobre eles.

Pedro Robledo Ramírez inicia o presente número da RIBLA, fazendo uma introdução à estrutura geral do Quarto Evangelho. O autor nos apresenta uma provocativa estruturação quiásmica do conteúdo desse evangelho. Para Robledo, tanto nas grandes quanto nas pequenas seções deste evangelho encontram-se algumas simetrias que ajudam a clarificar o significado teológico do pensamento joanino.

A seguir, apresentam-se uma série de artigos que propõem interpretações atuais de alguns dos temas fundantes da Comunidade Joanina. Os temas abordados são: o Prólogo, as mulheres em João, os conflitos, os sinais, o Reino, a confissão de Marta, o Paráclito, a despedida de Jesus e a análise do capítulo 21.

José Guerra Carrasco apresenta em seu artigo uma abordagem do Prólogo do Quarto Evangelho. O autor nos propõe como ideia central que a salvação permeou toda a história, não apenas em um sentido espiritual e confessional, mas também cósmico e ecumênico. Por isso, neste artigo, propõe-se que o Prólogo apresenta o Verbo Encarnado como Boa Notícia que traz o amor libertador do Pai.

Luiz José Dietrich nos oferece em seu artigo “O ‘sexto marido’ da mulher samaritana: De onde vem e quem é o Jesus que seguimos?” algumas diretrizes para descobrir como a comunidade joanina desenvolveu uma sensibilidade aguçada e crítica em relação à religião oficial, tanto do judaísmo quanto do Império Romano. E faz, ademais, uma interpretação do sexto marido da mulher samaritana, que busca ser uma releitura descolonizada do Evangelho de João, promovendo o amor como o verdadeiro caminho para chegar a Deus.

O tema “Os conflitos em João” é abordado por Luigi Schiavo, que busca identificar os diversos grupos que integraram a comunidade de João desde seus primórdios, para explicar como a originalidade do Evangelho é produto da geração de novidades. Em sua conclusão, o autor propõe uma

relação intercultural positiva e construtiva de todos os grupos que conviviam na comunidade. Todo um desafio para o nosso ser eclesial hoje.

Moisés Pérez Espino revisa “O Livro dos Sinais” e mostra que, por meio dos sete sinais que o Quarto Evangelho registra, João quer apresentar Jesus como o Enviado e o Messias que torna presente a glória de Deus e que concede vida plena. Por outro lado, mostra que cada sinal implica o aumento das tensões com seus inimigos, em uma espécie de dialética vida-morte.

Santa González escreve sobre “Os sinais do Reino de Deus”. Em seu breve, mas denso artigo, ela nos apresenta os sinais linguísticos presentes no diálogo entre Jesus e Nicodemos, colocando ênfase no significado das palavras “nascer de novo”, “ver”, “entrar” e “acreditar”, termos que sustentam a mensagem do Reino de Deus.

A seguir, Mercedes Lopes nos apresenta um artigo, “A confissão de Marta”, uma confissão de fé apostólica feita a partir de um espaço público, o que a torna um modelo para um discipulado ativo, amoroso e transformador, válido para todos os tempos. O artigo deixa aberta a porta para retomar uma leitura nova e inovadora da atividade protagonista das mulheres no Quarto Evangelho.

Em seu artigo “Por que João chama o Espírito Santo de Paráclito?”, Ariel Álvarez Valdés analisa os cinco textos que o Evangelho de João oferece sobre Paráclito, e tenta explicar o que está escondido por trás dessa figura emblemática para a obra joanina, que a princípio não pode ser identificada com o Espírito Santo.

Segue o artigo “As mulheres em João”, escrito por Carmiña Navia. A autora sustenta que o Quarto Evangelho dá às figuras femininas um papel protagonista ao longo de suas narrativas. Sem dúvida, elas aparecem nos momentos-chave do itinerário de Jesus neste livro, mostrando sua influência nos acontecimentos que o evangelista narra e transmite da vida pública de Jesus.

Enrique Vega-Dávila nos propõe uma releitura queer de João 13, sob o título “Tocar é intimidade. Queerizando Jo 13,1-30. Uma perspectiva hermenêutica Latino-americana”. Com este trabalho, o autor busca deslocar o enfoque tradicional na “pedagogia do serviço” para a performatividade do toque como lugar teológico. Ele nos diz que a lavagem dos pés desordena gramáticas de decência, pureza e honra, e funda uma comunidade na vulnerabilidade compartilhada.

O último artigo, escrito por Daylins Rufin Pardo e Tiago Pavinato Klein, propõe analisar o capítulo 21 do evangelho de João, a partir de uma perspectiva de análise que convida a refletir sobre dois aspectos centrais para

a comunidade de fiéis de ontem e de hoje: o desafio do seguimento e a conquista da esperança. Este artigo tem um sabor de esforço e desprendimento porque os autores o fazem a partir do compromisso desprendido com a revista.

Na parte final deste número da revista são feitas três resenhas de livros que foram publicados recentemente. Uma trata sobre a obra “El Espíritu Santo y la Tradición de Jesús”, considerado o testamento teológico-espiritual de seu autor, José Comblin; a outra é “Eclesiología para una Iglesia en salida. Aproximaciones desde el Evangelio de Juan”, obra compilada por Fernando Torres Millán; e a terceira “Dios creó al ser humano: polvo de la tierra. Comunidades indígenas en América Latina leen la Biblia desde contextos marginados”, de Hans de Wit e Edgar A. López López.

Esperamos que este número da RIBLA seja de ajuda para nossas leituras comunitárias da Bíblia, a partir da proposta que um grupo de autores faz do evangelho de João. Os tempos que vivemos, não só em nosso continente, mas em todo mundo, são uma oportunidade para ler este número a partir da opção por seguir contribuindo nas lutas de nossas comunidades, que como a comunidade joanina, buscam viver num só espírito, a partir da diversidade de grupos que as compõem, promovendo a igualdade entre as filhas e os filhos de Deus. Estamos, portanto, convidados a viver e a construir um mundo melhor, onde se experimente a solidariedade e o discipulado igualitário.

